No restaurante

Carlos Drummond de Andrade

— Quero lasanha.

Aquele anteprojeto de mulher – quatro anos, no máximo, desabrochando na ultraminissaia – entrou decidido no restaurante. Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha.

O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

— Meu bem, venha cá.

— Quero lasanha.

— Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

— Não, já escolhi. Lasanha.

Que parada — lia-se na cara do pai. Relutante, a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

— Vou querer lasanha.

— Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

— Gosto, mas quero lasanha.

— Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

— Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

— Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão a gente traça uma lasanha. Que tal?

ANDRADE, Carlos Drumond. No Restaurante. In: ___. **Criança dagora é fogo**. Record: Rio de Janeiro, 1996. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drumond. www.carlosdrumond.com.br

— Você come camarão e eu como lasanha.

O garçom aproximou-se, e ela foi logo instruindo:

— Quero uma lasanha.

O pai corrigiu:

— Traga uma fritada de camarão pra dois. Caprichada.

A coisinha amuou. Então não podia querer? Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas interrogações também se liam no seu rosto, pois os lábios mantinham reserva. Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, ela atacou:

— Moço, tem lasanha?

— Perfeitamente, senhorita.

O pai, no contra-ataque:

— O senhor providenciou a fritada?

— Já, sim, doutor.

— De camarões bem grandes?

— Daqueles legais, doutor.

— Bem, então me vê um chinite, e pra ela... O que é que você quer, meu anjo?

— Uma lasanha.

— Traz um suco de laranja pra ela.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

— Estava uma coisa, hem? - comentou o pai, com um sorriso bem alimentado.— Sábado que vem, a gente repete... Combinado?

— Agora a lasanha, não é, papai?

— Eu estou satisfeito. Uns camarões tão geniais! Mas você vai comer mesmo?

— Eu e você, tá?

— Meu amor, eu...

— Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Aí, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.

Al ristorante

Carlos Drummond de Andrade

— Voglio lasagne.

Quell'antiprogetto di donna – quattro anni al massimo, sbocciante nell'ultraminigonna – entrò risoluto nel ristorante. Non aveva bisogno di menu, non aveva bisogno di tavolo, non aveva bisogno di nulla. Sapeva benissimo quel che voleva. Voleva lasagne.

Il padre, che aveva appena finito di parcheggiare la macchina in un posto trovato per miracolo, arrivò per coordinare l'operazione-cena, che è, o era, di competenza dei signori genitori.

— Amore mio, vieni qua.

— Voglio lasagne.

— Senti, tesoro. Prima si sceglie il tavolo.

— No, ho già scelto. Lasagne.

Roba da matti – si leggeva sulla faccia del padre. Riluttante, la bambinella accosentì di sedersi prima e dopo ordinare il piatto.

— Mangerò lasagne.

— Figliola, perché non ordiniamo gamberi? Ti piacciono tanto i gamberi...

— Mi piacciono, ma voglio lasagne.

— Io so che tu vai pazza per i gamberi. Ordiniamo una frittata fantastica di gamberi, va bene?

— Voglio lasagne, papà. Non voglio gamberi.

— Facciamo una cosa. Finiti i gamberi, facciamo fuori le lasagne. Che ne dici?

— Tu mangi gamberi e io mangio lasagne.

Il cameriere si avvicinò e lei istruì subito:

— Voglio lasagne.

Il padre corresse:

— Porti una frittata di gamberi per due. Ma fatta perbenino, eh?

La piccina s'imbronciò. Allora non poteva volere? Volevano volere a nome suo? Perché è vietato mangiare lasagne? Questi interrogativi si leggevano sul suo viso, ma le labbra tacevano. Quando il cameriere ritornò con i piatti e il servizio, lei attaccò subito:

— Cameriere, ci sono lasagne?

— Certo, signorina.

Il padre, al contrattacco:

— Lei ha già ordinato la frittata?

— Sì, dottore.

— Con dei gamberi belli grossi?

— Eccezionali, dottore.

— Bene. Allora mi porti una birra alla spina, e per lei... cosa vuoi, angioletto?

— Lasagne.

— Porti una spremuta d'arancia per lei.

Con la birra e la spremuta d'arancia venne anche la famosa frittata di gamberi che, per la meraviglia dell'intero ristorante, interessato allo svolgersi dei fatti, non fu rifiutata dalla signorina. Anzi, come se la pappò! La silenziosa masticazione attestava, ancora una volta al mondo, la vittoria del più forte.

— Era veramente squisita, no? – commentò il padre con un sorriso ben pasciuto. Sabato prossimo lo facciamo di nuovo... D'accordo?

— Adesso le lasagne, vero papà?

— Io sono sazio. Dei gamberi così buoni! Ma tu le mangerai davvero?

— Io e te, va bene?

— Piccola mia, io...

— Dovrai farmi compagnia, lo sai? Ordina le lasagne.

Il padre abbassò il capo, chiamò il cameriere, ordinò. A quel punto una coppia al tavolo accanto applaudì. Tutta la sala fece altrettanto. Il padre non sapeva dove cacciarsi. La bambinella, impassibile. Se nella congiuntura il potere giovane traballa, è in arrivo, a tutta forza, il potere ultragiovane.

Versão de Eunice Carmo dos Santos e Lígia Rockenbach, sob orientação da Profª. Susana Termignoni.

Beijos

Sérgio da Costa Franco

Comentando o delito de praticar ato obsceno em lugar público, Nelson Hungria sustenta que o beijo libidinoso, prolongado, cinematográfico, pode constituir o crime do artigo 233 do Código Penal.

Pois, estávamos em uma parada de ônibus, eu e meu guarda-chuva, sob o desconsolo de uma garoa triste, quando o jovem casal ancorou ao meu lado. A moça não tinha mais que uns vinte anos bem aproveitados, explodindo sob uma blusa justa. O rapaz era um bigodudo de má catadura, com os cabelos escorridos de chuva sobre os ombros molhados. Abrigava-se embaixo da sombrinha vermelha da jovem e não queria saber de outra vida: a dois por três, aplicava a bigodeira sobre a boca da namorada, em compridas sucções.

Não tinha mau gosto o Romeu. Ela possuía uns lábios de amora madura, pitanga, uva rosa, sei lá... E fazia biquinho acolhedor à aproximação da bigodeira.

No primeiro momento irritei-me, dei razão a Nelson Hungria. Sob a tarde molhada, cheia de nimbos e de sugestões, a cena era um acinte para quem tinha afazeres graves. Suplício para quem levava consigo apenas um guarda-chuva sombrio. Até me deu gana de efetuar uma prisão em flagrante ou de convocar uma patrulha da "Tradição Família e Propriedade": "Aqui Del Rei contra a lascívia!".

É claro que houve depois, no subconsciente, outro alvitre inconfessável, censurado pela indormida consciência de homem sério e chefe de família. Mesmo porque não seria fácil arrebatar a garota apetitosa ao seu galã...

Na encruzilhada das duas sugestões, - a moralista e a libertina – terminei concluindo que o beijo já não pode ser censurado como um crime, segundo

---

FRANCO, Sérgio da Costa. Beijos. In: ___. **Quarta Página**. Movimento: Porto Alegre, 1975.